Ouvindo o escritor teatral FERNANDO SANTOS

«Plateia» ouviu, em prosseguimento do seu inquérito, o conhecido dramaturgo e pintor Fernando Santos.

Desnecessário se torna falar aqui da vasta obra deste autor que tem dedicado a vida a escrever para o Teatro. O seu nome diz-nos mais que a referência a esta ou àquela revista, comédia, opereta ou alta-comédia da sua autoria. Fernando Santos, principalmente no teatro ligeiro, é um dos mais notáveis autores dos últimos trinta anos.

Eis, agora, como Fernando Santos respondeu às perguntas do nosso inquérito

— Como encara o presente momento do teatro português?

— Desde muito novo que oiço falar na «crise teatral», mas creio que ela nunca atingiu proporções tão assustadoras como as verificadas presentemente. Para uma cidade de cerca de um milhão de habitantes existem, ao todo, sete teatros, e são poucos os que funcionam com normalidade. Onde acabam as oficinas, as profissões tendem a desaparecer, e por isso é cada vez maior a falta de autores, de artistas, de encenadores, de cenógrafos, etc. Quanto aos empresários, é melhor nem falar nisso. Adiante.

— Acha que na orgânica profissional do nosso teatro se têm feito as possíveis tentativas para que este emparceire ao lado do dos outros países?

— De maneira nenhuma. Ao teatro em Portugal, só se têm criado peias, complicações, dificuldades de toda a ordem. Durante muitos anos dificultou-se o acesso à profissão de actor sem se pensar nas desvantagens que tal medida traria. Obras de interesse mundial estão proibidas de se representarem nos nossos palcos. No entanto, permitiu-se ao cinema estrangeiro apresentar os mais escabrosos temas, essa horrível séria de filmes de «cow-boys», de «gangsters», de «suspense», que apenas têm contribuído, em todos os países para o aperfeiçoamento da arte de furtar... e de matar. Mas a América exporta... e o mundo acredita que aqueles filmes não fazem mal algum, nem aos menores de 12 anos, nem à mocidade esperançosa do «rock-and-roll»

— Pode dizer-nos o que pensa da dramaturgia nacional, não só da antiga como da actual?

— A dramaturgia em Portugal nunca foi florescente. Autores teatrais só têm surgido esporàdicamente na nossa literatura, como Gil Vicente, Garrett, D. João da Câmara, Marcelino Mesquita e, recentemente, Alfredo Cortês, e pouco mais. No fim do século passado tivemos um escol de artistas de real valor. Mas nesse tempo o teatro era acarinhado, as empresas rodeavam-se de nomes de literatos de vulto para lhes escreverem ou traduzirem as peças. Hoje há empresários que mandam traduzir obras a empregados de escritório, ignorantes da técnica e da linguagem teatral, que se limitam a traduzir à letra o que lhe metem na mão, sem terem, ao menos, o cuidado de estudarem as equivalências da nossa língua, e depois sai português... sem sentido nenhum. E isto para se fugir aos direitos de autor, o dinheiro mais chorado, mais regateado, pago sempre de má vontade pelos modernos empresários do nosso país. Não será esta atitude indicativa da mentalidade de alguns dos nossos empresários?

— Dadas as características de vida do nosso País, poder-se-á criar actualmente uma verdadeira dramaturgia portuguesa, aproveitando temas provenientes da nossa sociedade?

— Tenho esperança de que se pode, realmente, criar uma dramaturgia portuguesa, mas não neste ambiente e com as dificuldades que àctualmente se lhe opõem. A arte só pode florescer em plena liberdade. O escritor, pintor, poeta, músico, actor, têm de criar sem constrangimentos de qualquer espécie. Enquanto tal não se permitir julgo não ser fácil aparecer qualquer coisa de vulto. Morre tudo em folclore... vestido pelas oficinas Paiva.

— Acha que a Censura (como se tem afirmado), constitui um obstáculo insuperável para a existência de um verdadeiro teatro português?

— A Censura tem prejudicado altamente o teatro português. Se têm aparecido censores tolerantes, compreensivos e de uma certa elasticidade de espírito, a maior parte deles não se têm mostrado à altura das funções que desempenham. Passaram por essa Comissão figuras que lesaram o teatro em muitos milhares de contos e contribuíram bastante para a decadência a que ele chegou. Quanto à injustiça de se permitir que companhias estrangeiras representem nos nossos palcos peças que a seguir são proibidas aos artistas e às empresas nacionais, nem quero fazer comentários. O público que avalie como entender.

— Pode apontar algum caminho prático para a solução da crise do nosso teatro?

— Para que o teatro possa ter meios de vida suficientes é preciso, antes de mais nada, que o deixem caminhar à vontade. Portas abertas amplamente para quem nele quiser trabalhar, liberdade de escolha de repertório para que o público possa ver as obras mais representativas da cena mundial; liberdade de se construírem teatros em imóveis que possam também servir para outros fins; diminuição dos pesadíssimos encargos que pesam sobre as empresas teatrais; proibição absoluta do aluguer de teatros a quem os não possa explorar e os conservar fechados, sem vantagem ou utilidade para ninguém; protecção oficial aos teatros do Estado; aos teatros experimentais, às Sociedades de Recreio que mantenham grupos dramáticos; facilidades burocráticas a quem explore o teatro comercial. Nada do que aqui se pede nos parece impossível e se afigura da mais elementar justiça, e assim, talvez o nosso pobre teatro possa singrar. Como ele vive actualmente é que não anda, nem com as muletas do Fundo do Teatro.

L. C. ANDRADE

«Acredito na criação de uma dramaturgia portuguesa quando as restrições actuais desaparecerem. Todos deviam saber que a arte só pode florescer em plena liberdade»

«Para que o teatro possa ter meios de vida suficientes, é preciso, antes de mais nada, que o deixem caminhar à vontade»